

Sobre juventude e políticas sociais: por uma história do presente

Hildon Oliveira Santiago Carade*

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a juventude em sua interface com a temática das políticas sociais, tentando responder à seguinte pergunta: que tipo de personalidade juvenil o processo de construção nacional – *nation building* – tem clamado e idealizado? Para tanto, partirei de dados etnográficos coletados entre 2012 e 2014, junto a adolescentes moradores dos bairros do Calabar e do Alto das Pombas (áreas favelizadas da cidade de Salvador), beneficiários do programa *Up with English*, uma espécie de curso de inglês financiado pelo Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, destinado a jovens em “estado de risco” ou “vulnerabilidade social”. Entretanto, por um lado, estes jovens ocuparão o pano de fundo desta análise. A experiência deles será concatenada à trajetória de um adolescente de classe média-alta, com o objetivo de demonstrar até que ponto podemos falar da condição juvenil em termos gerais, não enfatizando sobremaneira as discrepâncias oriundas de disposições de raça e classe social. Por outro lado, em vez de sublinhar a competência da agência dos jovens, enfatizarei o domínio e os aspectos da autoridade adulta que oferecem suporte ao engajamento deles no mundo. E, por fim, especial atenção será dada à história familiar, de modo a entender as maneiras pelas quais o passado se mostra tão ou mais potente do que o presente na vida de um sujeito.

Palavras-chave: juventude; políticas sociais; autoridade adulta.

Resumen

Este artículo propone una reflexión sobre la juventud en su interfase con el tema de las políticas sociales, tratando de responder a la pregunta: ¿qué tipo de personalidad juvenil ha idealizado o exaltado el proceso de construcción de la nación – *nation building*? Para ello, me valgo de datos etnográficos recogidos entre los años de 2012 y 2014, con adolescentes residentes en los barrios Calabar y Alto de las Pombas (barrios pobres de la ciudad de Salvador), beneficiarios del programa *Up with English*, un curso de Inglés financiado por el Consulado de los Estados Unidos en Río de Janeiro, para jóvenes en "situación de riesgo" o "en estado de vulnerabilidad social". Por una parte, estos jóvenes ocuparán el telón de este análisis. La experiencia de ellos será enlazada a la trayectoria de un adolescente de clase media alta, con el fin de demostrar hasta qué punto podemos hablar de la condición juvenil en términos generales, sin enfatizar en gran medida las discrepancias derivadas de las condiciones de raza y de clase. Por otro lado, en lugar de resaltar la capacidad de agencia de la juventud, haré hincapié en el dominio y los aspectos de la autoridad de los adultos que les apoyan en su acoplamiento en el mundo. Y, por último, se dará especial

* Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem publicado artigos que versam sobre diversos temas tais como juventude, políticas sociais, instituições públicas, etnografia urbana e antropologia médica. Dentre eles, destacam-se “Políticas para a juventude e governamentalidade transnacional: sobre as ações da Missão Diplomática dos Estados Unidos no Brasil”; e “Da juventude: sobre demarcações, classificações e formas de resistência”, publicados, respectivamente, nos anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia; e do XII Congresso Luso-Afro-Brasileiro. E-mail para contato: hildoncarade@yahoo.com.br.

atención a la historia de la familia con el fin de entender las maneras en que el pasado se muestra tan o más poderosos que el presente en la vida de un sujeto.

Palabras clave: juventud; políticas sociales; autoridad de los adultos.

Abstract

This article proposes a reflection on youth in its interface with the theme of social policies, trying to answer the question: what sort of youth personality the process of Brazilian nation building has dreamed and idealized? In doing so, I am underpinned by ethnographic data collected between 2012 and 2014, with adolescents residents of neighborhoods of Calabar and Alto das Pombas (slum areas of Salvador city), beneficiaries of *Up with English* program, a sort of English course funded by US Consulate in Rio de Janeiro, for vulnerable young people. However, on the one hand, these young people will occupy the background of this analysis. Their experience will be intertwined to the path of an upper middle-class teenager, in order to demonstrate in what extent we can speak of the youth condition in general terms, not greatly emphasizing the discrepancies arising from dispositions of race and social class. On the other hand, rather than underline the competence of the youth agency, I will emphasize the domain and aspects of adult authority that support their engagement in the world. And finally, special attention will be given to family history in order to understand the ways in which the past is shown as or more powerful than the present in the life of a subject.

Keywords: youth; social policies; adult authority.

Introdução

A primeira vez que vi Pedro¹, ele estava sendo introduzido a uma platéia composta por jovens na faixa etária entre treze e dezoito anos de idade. Uma parte dos adolescentes era constituída por moradores das comunidades do Calabar e do Alto das Pombas, áreas favelizadas da cidade de Salvador; a outra parte era formada por participantes das entidades culturais do Ilê Ayê e do Olodum, tradicionais pilares da cultura baiana na luta pelos direitos das populações afrodescendentes. Eles eram beneficiários do programa *Up with English*, uma iniciativa patrocinada pelo Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, em parceria com a Associação Cultural Brasil-Estados Unidos (ACBEU), uma instituição binacional que desde a década de 1940 vem oferecendo seus serviços à sociedade local, basicamente ofertando cursos de inglês e facilitando as oportunidades de intercâmbio cultural à elite baiana. O referido projeto promovia aulas de inglês e seminários concernentes ao tópico do empreendedorismo juvenil; era endereçado a jovens em “situação de risco” ou “vulnerabilidade social”; e tinha por meta aumentar as chances deles no mercado de trabalho,

¹ De modo a preservar o anonimato de meus interlocutores, todos os nomes aqui citados são pseudônimos. Modifiquei também algumas datas e logradouros, preservando, contudo, a realidade dos fatos descritos.

tendo em vista a iminência da Copa do Mundo de 2014.

Estávamos, pois, no anfiteatro da unidade da ACBEU localizada no bairro do Corredor da Vitória, área de padrão classe média e média-alta da cidade, em mais um dos seminários devotados ao tema do empreendedorismo. Pedro era o palestrante da vez. Na qualidade de autodidata que, com apenas 13 anos de idade, dominava a linguagem mais sofisticada de programação, ele ali estava para narrar a sua trajetória de vida, desde quando ganhou o seu primeiro computador aos dois anos, passando pelo primeiro video-game, até se tornar programador de jogos *indie* aos dez anos de idade. Pedro é tido como um superdotado; um gênio. Um dos argumentos utilizados por seus familiares e por ele próprio para comprovar a sua genialidade fazia menção ao seu QI (Coeficiente de Inteligência), cujo índice era 153. De acordo com os vários testes de medição da inteligência humana, uma pessoa a possuir um QI acima de 140 pode ser considerada como estando além da linha da inteligência mediana. Enfim, ele seria o exemplo a ser seguido pelos demais adolescentes que ali estavam; na medida em que aprendeu por si mesmo todos os grandes segredos da computação, utilizando tutoriais veiculados em meio eletrônico, ele seria a prova viva de como a internet pode abrir caminhos para o desenvolvimento do espírito empreendedor.

Durante estes últimos sete anos, tenho estudado temas referentes à juventude e sua interface com instituições públicas, políticas sociais e processos de construção estatal. Recentemente, encontrei a mim mesmo diante à seguinte questão: quais tipos de personalidade juvenil o processo de formação do Estado Brasileiro (*nation building*) tem clamado e idealizado?

Tenho trabalhado, pois, com adolescentes beneficiários de diversos tipos de política social (de transferência de renda; e políticas voltadas à educação formal e informal; e de desenvolvimento de habilidades vocacionais), no contexto de comunidades populares. Mais especificamente, estes jovens são residentes dos já mencionados bairros do Calabar e do Alto das Pombas, áreas que apresentam a seguinte peculiaridade: a de estarem rodeadas por localidades de perfil classe média e média-alta, que compõem a orla atlântica da capital baiana, quais sejam, a Barra, a Graça, a Vitória e a Ondina. Não me alongarei nos detalhes. Quero apenas que o leitor memorize as subseqüentes imagens históricas: duas favelas carentes em serviços públicos e infraestrutura urbana; uma população - majoritariamente formada por afrodescendentes - que vivia, pelo menos desde a década de 1980, um cotidiano imposto pelas disputas em torno das duas facções que comandavam o tráfico de drogas local; e certa crônica policial da cidade a estigmatizar estes lugares como sendo um antro de

perdição, violência e selvageria.

Na pesquisa junto aos adolescentes vinculados a projetos sociais pude testemunhar a repetição de alguns eventos tais como: primeiro, a tentativa de delimitar toda a experiência juvenil nos termos de uma dicotomia entre o “mundo do trabalho e do estudo” e o “mundo da violência e das drogas”. Este é um campo que já nos havia sido delineado pela antropóloga Alba Zaluar (1985), no contexto da Cidade de Deus, periferia da cidade do Rio de Janeiro. Segundo, a emergência de certos sentimentos relacionados a esta dualidade, quais sejam, responsabilidade e austeridade (que estão ligados ao primeiro domínio) e piedade e medo (pertencentes à segunda esfera); e terceiro, as falhas das políticas estatais sempre sendo justificadas em termos técnicos ou infra-estruturais (falta de computadores ou materiais didáticos; a inadequação dos espaços onde estavam sendo realizadas as atividades, dentre outros).

Meu objetivo neste artigo é lançar alguma luz sob a questão exposta acima. Para tanto, passo a me ocupar da análise da trajetória de vida de Pedro, entrelaçando-a com a experiência de vida dos jovens que compuseram a sua platéia no evento citado. Seria, pois, uma espécie de experimento da *Gestalt Psychology*, na qual figura e fundo estão interligados na produção de um todo unificado, a saber: juventude e sua história do presente. Neste sentido, embora os jovens sejam o objeto em questão, eles não serão os protagonistas dela. Em termos metodológicos, esta pesquisa está baseada em trabalho etnográfico realizado entre os anos de 2012 e 2014, no qual acompanhei a participação dos jovens no bojo do programa *Up with English*. Ademais, com o intuito de manter a coerência dos meus objetivos, procurei, em entrevistas feitas com pais de família, líderes comunitários, educadores e funcionários da ACBEU e do Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, identificar a forma pela qual a trajetória desses jovens era compreendida pelos atores situados na esfera da autoridade adulta. Tal proposta implica, pois, uma reorientação dos estudos antropológicos e sociológicos dedicados a juventude, reorientação esta que pretendo explicar no próximo bloco.

O que é, de fato, a juventude?

No tocante à pesquisa social, os estudos sócio-antropológicos e, atualmente, o campo auto-intitulado *youth studies*, têm confirmado e firmemente estabelecido um paradigma centrado na agência juvenil (Bordonaro, 2012), paradigma em que pretendo propor algumas

rotações. Tentando entender os adolescentes como sujeitos do presente em vez de projeções para o futuro - uma recusa em conceitualizar a juventude como uma fase liminar, numa crítica aos trabalhos antropológicos clássicos tais como Mead (1928) e Malinowski (1929) -, esta agenda vislumbrou a vida destes sujeitos como sendo dinâmica e constitutiva de (e constituída por) sistemas de significados que são sempre produzidos na intersecção das categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, cidadania e posição geográfica². Do meu ponto de vista, esta abordagem tem promovido uma essencialização de toda a sorte de ações juvenis, como se todas elas fossem criativas e/ou demonstração da propalada agência dos sujeitos. No concernente às populações consideradas em “estado de risco” e/ou “vulnerabilidade social”, suas ações são majoritariamente ou vistas como endossando as relações de dominação ou como uma forma de resistência a elas. O argumento contra os políticos profissionais e os *policy makers* sublinha o não reconhecimento por parte deles do jovem como um agente político e um sujeito de direito capaz de fazer suas próprias escolhas. Neste sentido, “as noções de agência repousam sobre a ideia de que agir livremente é um ato em conformidade com a razão e que a liberdade apenas é possível na total ausência de constrangimentos e de relações de poder” (Laidlaw apud Bordonaro, 2012: 422, tradução minha).

Isto me leva diretamente aos estudos etnográficos dedicados à produção de subjetividades no âmbito dos regimes neoliberais. Em contraste com as perspectivas que vinculam o neoliberalismo ao papel reduzido do Estado, estas pesquisas têm pontuado o quanto as políticas estatais têm se esmerado em forjar um certo tipo de cidadão, qual seja: o sujeito de responsabilidade, autonomia e escolha (Paley, 2002). O “não governo” ou “menos governo” - maneiras pelas quais o neoliberalismo é ideologicamente tratado - indica uma nova modalidade de governança que opera na criação de mecanismos de transferência dos riscos do Estado para as empresas ou os indivíduos (tratados como empreendedores) e na responsabilização dos sujeitos no tocante ao disciplinamento de si (Rose, 1996)³. Entretanto, do meu ponto de vista, esta narrativa se apresenta por demais coerente e certa; de tão unidirecional, ela pode mesmo configurar certa teleologia histórica.

Seguindo Michel Foucault (1977), gostaria de apresentar uma genealogia da juventude a partir de um caso particular. De acordo com ele, o método genealógico não está destinado a desvelar as origens de nossa identidade; sua intenção é trazer a lume as

² Ver por exemplo: Ramos-Zayas (2012); Garcia (2012); Hansen (2008); Roth-Gordon (2008); Pribilsky (2007), dentre outros.

³ Sobre a concepção neoliberal de agência, ver Gerson (2011).

descontinuidades que, por assim dizer, nos atravessam. Neste sentido, minha intenção é demonstrar as discrepâncias, as intermitências e as surpresas da grande narrativa em direção ao empoderamento do eu juvenil. Assim, em primeiro lugar, em vez de sublinhar a competência da agência dos jovens, enfatizarei o domínio e os aspectos da autoridade adulta que oferecem suporte ao engajamento deles no mundo. Em segundo lugar, ao contrário da grande maioria dos estudos sobre a juventude, em sua interface com políticas sociais - que estão comprometidos com uma espécie de *studying down*, na medida em que comumente eles têm estudado as ações estatais sob o ponto de vista dos sujeitos por elas impactados -, proponho endereçar às questões concernentes ao dualismo dependência versus autonomia; e vulnerabilidade juvenil uma abordagem que pode ser considerada um tipo de *studying through*⁴ (Wright e Reinhold, 2011), em que a trajetória de um adolescente branco de classe média-alta aparecerá como figura de um pano de fundo composto pela vida de jovens negros e pardos de classe baixa, aos quais ele foi introduzido como um modelo a ser seguido. E em terceiro, em vez de me concentrar no tempo presente, voltarei ao pretérito, à história familiar, como uma maneira de entender e reconhecer disposições que ainda não foram superadas e a distribuição irregular de incertezas, vulnerabilidades e ansiedades epistemológicas. Neste quesito, o trabalho da antropóloga Pilar Riaño-Alcalá (2006) é notável, porquanto ele apresenta o passado como um método-chave para a compreensão de como os jovens reelaboram suas identidades e apreendem o impacto do terror em suas vidas, no contexto da violência urbana em Medellín, Colômbia. Meu desafio neste ensaio é operar a seguinte reflexão: é possível falar em insegurança, “violência branda” e medo em situações onde dificilmente observamos traços de miséria e abandono?

Neste aspecto, embora haja discrepâncias originárias das disposições de classe social e raça que diferenciariam Pedro dos demais jovens, tento alcançar aqui aquilo que Vincent Crapanzano chama de “realidade transcendental”. De acordo com ele:

[por este conceito] entendo, não aquela no sentido religioso do termo, mas aquela frequentemente não reconhecida, nunca inteiramente compreendida, dimensão da experiência em sua imediatez, que se presta à história, ao drama e à invenção, nos proporcionando não tanto um ponto de vista, mas algo em constante mudança, perspectiva temporal sutilmente insistente (2011: 05, tradução minha).

Se entendi bem o autor, ele está a nos falar sobre o sensível e o sensorial, as emoções, aquilo que se pode imaginar, mas ao mesmo tempo parece ser inalcançável. No caso em tela, este aspecto fugidio e intangível das coisas está ligado a preocupações sobre o vir-a-ser da

⁴ Por “studying through” os autores entendem: traçar os caminhos pelos quais o poder cria conjuntos e relações entre atores, instituições e discursos através do espaço-tempo (Wright e Reinhold, 2011).

juventude, o que faz com que exista uma “realidade transcendental” a unir a trajetória de Pedro à dos demais adolescentes. Embora haja instrumentos para se conceitualizar o futuro, não há garantias em relação a ele. Assim, minha interrogação não é o que vem a ser a juventude, tampouco o que vem a ser a natureza da condição juvenil. Enfim, como afirmou Jacques Derrida, “a questão do eu: ‘quem sou eu’ não mais no sentido de ‘quem sou eu’, mas no tocante a ‘quem é este eu que pode dizer eu’ e o que vem a ser a responsabilidade quando a identidade desse eu tremula em segredo?” (2008: 92, tradução minha). No que concerne à vida dos adolescentes, isto me leva diretamente ao contexto da responsabilidade adulta e sua “vontade de saber”.

Segredos da responsabilidade adulta

Em uma manhã cinzenta de sábado, eu me dirigi à casa de Seu Fernando, pai de Pedro, situada no tradicional bairro da Graça, para conhecer melhor a sua história. Em Salvador, é bastante comum nomearem-se os prédios onde mora a classe média-alta da cidade por meio de nomes estrangeirados ou em referência a figuras importantes da cultura local. Não fugindo da regra, o edifício onde Seu Fernando reside possui um nome pomposo - Mansão Comendador Bernardo Martins Catarino -, uma homenagem a um dos comerciantes mais ilustres da então Cidade da Baía em fins do século XIX.

Seu Fernando é natural do interior do estado, mais precisamente da cidade de Paripiranga, localizada na zona fronteiriça entre Bahia e Sergipe. Filho de um médico e de uma dona de casa, aos 13 anos ele se transfere para a capital do estado, para completar os seus estudos ginasiais. Tendo, em seguida, ingressado na Escola Politécnica da UFBA, ele completa sua formação em Engenharia Mecânica. Após colar grau, torna-se funcionário da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, uma das empresas estatais criadas no governo Getúlio Vargas para a expansão da malha ferroviária brasileira. Ele, pois, fez carreira nessa estatal e logrou a sua aposentadoria em uma idade relativamente precoce, aos 45 anos.

Durante esse período, Seu Fernando tivera duas mulheres, porém ambas não puderam conceber filhos. Uma vez livre do trabalho, nosso personagem decidiu se tornar empresário e prestar serviços esporádicos para empresas ferroviárias. Concomitantemente, ele resolveu se refugiar em sua fazenda, situada no município de Mucugê. Foi nesta pequena cidade que ele conheceu a mãe de seu filho. Marisa, uma moça mais nova e simplória que, àquela época, trabalhava como atendente em um posto de saúde. De instrução mediana, ela era responsável

por receber os pacientes e encaminhá-los posteriormente ao médico. Após seis meses de relacionamento com Seu Fernando, ela engravidou de Pedro, que seria assim o seu segundo filho (ela já tinha uma filha de uma relação anterior). Em verdade, Marisa e Seu Fernando nunca formaram um casal; a relação não passou de relações sexuais esporádicas. E assim, aos 48 anos de idade, Seu Fernando finalmente se tornava pai.

Pedro nasceu com problemas alérgicos e com apenas um ano e meio de idade ele, juntamente com a sua mãe e meia-irmã, se mudaram para Salvador; o pai, contudo, continuou no município de Mucugê. Quando Pedro contava apenas dois anos, Seu Fernando resolveu presentear a sua meia-irmã com um computador velho, apenas para ela realizar as tarefas escolares. Naquela época não havia chegado o serviço de internet banda larga no Brasil, mas ainda assim a máquina foi o ponta pé inicial para Pedro desenvolver suas habilidades. Ele costumava brincar com os jogos e já aos três anos aprendeu a manipular perfeitamente um computador. De acordo com seu pai, “ele sempre foi uma criança diferente”.

Entretanto, a “genialidade” do menino permanecia em segredo. Quando Pedro foi transferido para o Colégio Antônio Vieira, instituição de ordem religiosa, onde até hoje ele estuda, ele passou a se interessar por robótica. Paralelamente, sua fome por jogos eletrônicos não tinha meios de ser saciada. Além de um *Polystation* (uma versão barata do Playstation) que o pai havia lhe presenteado, o menino costumava zerar jogos contidos em CDs comprados em bancas de revista. No Colégio Antônio Vieira, nas atividades ligadas a robótica, ele passou a ter contato com o programa Arduino, uma plataforma eletrônica para controle de motores e projéteis. Entre os 8 e 9 anos de idade, Pedro passou a ter um contato maior com o domínio da programação, a partir da aprendizagem do programa C++. Inicialmente, conta Seu Fernando, ele não queria comprar o manual do referido programa: “disse que ele precisava aprender certos conteúdos de matemática tais como análise combinatória, polinômios, progressão, equação de primeiro e segundo grau, dentre outros; tentei impor uma noção de limites”. Tal não foi sua surpresa, pois em apenas 15 dias o garoto aprendeu todos os conteúdos que ele havia elencado. Daí, ele teve de ceder. Uma vez com o manual, Pedro passou a criar jogos *indies* para consumo próprio e, quando ele completou dez anos, seu pai se transferiu definitivamente para Salvador.

Foi quando Pedro começou a criar seus próprios jogos que Seu Fernando, digamos, desvelou o segredo: “meu filho é um portador de habilidades especiais; ele é um superdotado”. É interessante notar que toda a demanda por conhecimento do “quem é meu filho” partiu da figura paterna. O pai ainda morava em Mucugê, mas sempre quando podia

perguntava aos professores, educadores e psicólogos do colégio de Pedro se alguém entre eles notava algo estranho em seu filho. De acordo com ele, para a mãe do menino seria mais complicado identificar esse mistério, porquanto sua instrução fosse por demais limitada, impossibilitando-a de perceber a singularidade do filho. Todo esse relato anterior constitui, pois, a biografia recente de Pedro. Esta é a mesma história que ele contou no seminário organizado pela ACBEU sobre empreendedorismo, bem como em diversos eventos acadêmicos realizados Brasil afora. Toda a infância dele foi, neste sentido, encapsulada pelo paulatino desenvolvimento das habilidades ligadas ao domínio da computação; de como ele veio a se tornar um autodidata; de como ele veio a ter um conhecimento digno dos programadores sêniores.

Paralelamente, a descoberta do grande segredo acerca da “genialidade” do menino despertou uma sede de conhecimento em relação “a quem ele realmente é”. Aqui começa a descrição do itinerário epistemológico do pai em busca de informações acerca da condição de seu filho. “Eu comecei a pesquisar na Internet e o que eu achei ali era terrível”, disse Seu Fernando. De acordo com as fontes por ele consultadas, as pessoas com alto QI se apresentam como que revoltadas, pois aquilo que lhes é oferecido não atende as suas necessidades. Daí, continua ele, vem a questão: como cuidar desses sujeitos? Segundo ele, há duas correntes de pensamento: a primeira estipula a retirada desses indivíduos do convívio social com as pessoas normais, encaminhando-os a um ambiente propício para o desenvolvimento das suas habilidades. Essa teoria, sustenta ele, é muito bem aplicada nos Estados Unidos e na Rússia. Haveria, por exemplo, escolas de nível médio para pessoas como Pedro em todos os estados americanos. Por seu turno, a outra escola de pensamento aposta na necessidade da conscientização desses sujeitos acerca da excepcionalidade de suas habilidades, mostrando-os que eles devem contribuir para a melhoria do nível educacional, pulverizando-os junto aos não portadores desse talento. Na ótica de Seu Fernando, as duas perspectivas são insatisfatórias. Disse ele: “Sacanagem, nada a ver, você não vai chegar para um garoto e dizer: ‘está aqui seu laboratório, você vai estudar aqui’; a outra abordagem estipula um trabalho, você está trabalhando para o Estado, você está lá não para estudar, não para elevar seu conhecimento; você está lá para elevar seu conhecimento, mas mais e muito mais para elevar o conhecimento dos outros”.

Curiosamente, Seu Fernando, que não quer ver o filho fazendo o trabalho que supostamente deveria ser do Estado, encontrou em um programa do governo federal um apoio para as suas inquietações epistemológicas. Trata-se da Escola Anísio Teixeira,

localizada no bairro da Caixa D'Água, uma localidade de classe baixa da cidade de Salvador, direcionada a formação das crianças de origem humilde daquela região. Esta é a única instituição em todo estado que auxilia na formação e no acompanhamento de sujeitos como Pedro, porém não tão afortunados como ele. De acordo com ele, dona Helena, diretora do colégio, o encaminhou a uma psicóloga, Noemi. Esta, por seu turno, tem desenvolvido técnicas para conhecer melhor o mundo interior do menino. De acordo com o pai, temos de saber como é que o cidadão pensa. “Se você não souber isso, você vai orientar o quê? Nada; o cara se fecha, está fumando sua maconha ali e diz que está lendo gibi e acabou. Essa é uma preocupação grande”, revelou ele.

Assim, ao mesmo tempo em que se preocupa com o desenvolvimento autônomo do seu filho, de deixá-lo livre para seguir a sua vocação, Seu Fernando se encontra na tarefa de melhor vigiá-lo para que o seu talento não se torne uma maldição. Comentando sobre as preocupações em relação ao seu filho, ele afirmou:

olha, a internet, com o inglês, abre as portas para o mundo inteiro. Então uma pessoa pode andar em qualquer lugar do mundo dentro de sua casa. Você pode ser amigo de um chinês, se ambos falarem inglês. Numa situação dessa, uma pessoa com capacidade de percepção muito alta, com uma idade muito pequena, com a total incapacidade de controle; como você vai controlar? Então, é preocupante, é. A única coisa que você pode fazer é criar mecanismos de observação. Por exemplo, ele sabe como descobrir minha senha ou a sua senha. Então qual é a coisa? Você saber que ele sabe e ter a certeza de que ele não vai usar. Então essa é a preocupação: o acompanhar do crescimento. O crescimento técnico é muito grande; e o conhecimento emocional é normal, o que cria uma discrepância, o que cria a necessidade de um acompanhamento. É muito difícil você avaliar as consequências dos seus atos principalmente quando, pelo menos momentaneamente, você pode fazê-los de maneira escondida.

Neste sentido, tudo se passa como se todas as tentativas do pai, todos os seus temores, todas as suas ansiedades epistemológicas girassem em torno da necessidade de disciplinamento, de contenção da malignidade presente na genialidade do filho. Mas como fazer isso sem suprimir a liberdade, a autonomia dele?

Voltemos, pois, ao seminário sobre empreendedorismo realizado pela ACBEU. Naquela oportunidade, Pedro, na qualidade de palestrante, de menino precoce que descobriu autonomamente os seus talentos, ofereceu o seguinte conselho para os demais jovens: “você tem que lutar realmente por aquilo que quer. Você não tem que deixar que as outras pessoas te digam o que você tem que fazer. Tens que lutar por aquilo que gostas”. Ao que tudo indica, seria ele o sujeito padrão, o protótipo almejado pelos regimes neoliberais, a saber: o indivíduo gerenciador de si mesmo. Assim sendo, ele seria um sortudo, um vencedor da história. Entretanto, na visão de Camila, sua professora de inglês, não seria bem esse o caso.

Certo dia, fui surpreendido com a seguinte declaração: “eu tenho pena dele”. Por que ela estaria com pena dele? Esta questão nos abre espaço para uma outra narrativa, a saber, a história da irresponsabilidade parental.

Segredos da irresponsabilidade parental

Em fins de 2012, a mãe de Pedro se dirigiu a ACBEU para procurar uma professora de inglês para o filho. Segundo ela, ele não queria fazer o curso normal da escola [geralmente, cada estudante leva cerca de 2 anos para completar o conteúdo básico] porque tinha pressa e queria queimar etapas. Neste exato momento, Camila apareceu na sala da coordenação e foi, meio que por acaso, contratada para ministrar aulas particulares para o garoto.

Logo quando do início das aulas, Camila percebeu que Pedro era um menino diferente. Sempre quando podia, ele colocava em pauta assuntos bastante complexos tais como resoluções de enigmas matemáticos, pensamentos e raciocínios filosóficos, conversas bastante maduras para um garoto de sua idade. Após um mês de convívio, Seu Fernando lhe confessou o segredo acerca da genialidade do filho. E assim, Camila também passou a se sentir responsável pelo pequeno infante.

De acordo com ela, Seu Fernando deveria ter mais cuidado com o garoto, o que significa transferi-lo imediatamente para a sua residência. Na ótica dela, a mãe do menino é deveras desmazelada. “O horário de nossas aulas é pela manhã, bem cedo, às 7 horas. Você acredita que muitas vezes o menino começa a aula sem ter tomado café da manhã?”. Ela continua: “o menino não se alimenta bem, muitas vezes ele vai para o colégio apenas com um copo de água”. De acordo com ela, a psicóloga teria descoberto um fato bastante desagradável: Pedro teria desmaiado de fome em sua própria casa. Seu Fernando teria sido informado sobre o incidente, porém ninguém sabe ao certo as providências por ele tomadas.

Segundo Camila, é bastante curioso como os pais não ensinam certas noções de educação para o menino. “Eu tive de ensiná-lo a comer, pois você precisava ver, ele não mastigava; ele engolia o pão”. Ademais, sustentou ela, Pedro é um menino que depende dos pais para tudo. “O colégio dele fica do outro lado da rua da casa dele, basta ele cruzar o asfalto. E você acredita que a mãe tem de levá-lo para o colégio?”, disse ela. Na ótica de

Camila, Pedro precisaria ampliar mais os seus conhecimentos acerca da própria cidade em que vive, pois a sua vida tem sido resumida basicamente aos bairros próximos a sua residência.

Por esta breve descrição, percebe-se que Camila enfatiza pontos negligenciados pelos pais no concernente a educação de um filho. Talvez, muito da sua preocupação em relação a Pedro se deve a sua própria trajetória de vida. Camila é uma mulher negra, na casa dos seus cinquenta anos de idade, e oriunda de um bairro periférico da cidade de Salvador, o São Caetano. Neste sentido, ela conserva a mesma origem humilde da mãe de Pedro. Entretanto, diferente da última, Camila logrou o status de conhecimento de nível superior, formando-se em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Curiosamente, ambas tiveram a vida marcada pelo envolvimento com homens brancos e de classe social superior. Marisa, uma moça parda, de fenótipo sertanejo, teve um relacionamento efêmero com Seu Fernando, fato já de conhecimento do leitor; Camila, por seu turno, teve um relacionamento de cinco anos com um canadense que ela havia conhecido quando ele estava passando suas férias em Salvador. O encontro resultou no nascimento de sua única filha, Luana, hoje adolescente. Após o término do enlace, o ex-marido retornou a seu país de origem e foi paulatinamente perdendo contato com sua primogênita, até esquecê-la de vez. Desta feita, toda a educação da menina tem ficado a cargo da mãe.

Camila trafega, assim, em domínios sociais bastante distintos: de manhã cedo e à noite, ela está em sua residência, no já mencionado bairro do São Caetano; no intervalo, ela ministra aulas na unidade da ACBEU localizada no bairro do Corredor da Vitória - área de perfil classe média e média-alta da cidade, vale lembrar -, bem como aulas particulares para moradores que residem na vizinhança de seu local de trabalho; ademais, ela vez ou outra tem de se dirigir ao bairro da Pituba, também de extrato classe média-alta, para resolver demandas ligadas a escola da filha, uma escola privada onde ela havia conseguido uma meia-bolsa de estudos para a sua cria. Assim, sua circularidade em espaços sociais diferentes, bem como sua história pessoal de mulher que teve de cuidar praticamente sozinha da sua prole, faz com que ela enxergue Pedro para além da excepcionalidade da sua inteligência.

Por seu turno, a genialidade de Pedro em si mesma não é uma qualidade intrínseca a ele; mas um passado - uma descoberta - que lhe persegue em sua vida presente e lhe perseguirá em seus dias vindouros. E ao se responsabilizarem apenas pelo o que estar por vir em relação a essa descoberta, seus pais terminam se *irresponsabilizando* por outros aspectos de sua vida. Ora, numa leitura derridiana (Derrida, 2008), a fidelidade de Seu Fernando em

relação ao mistério relacionado a “genialidade” do filho faz com que ele se torne irresponsável em relação à outras e outras dimensões da vida do garoto. Quando ele atendeu ao chamado e sentenciou “meu filho tem que amadurecer”, ele o colocou de certa forma em sacrifício. Esta é, pois, a aporia configurada por sua responsabilidade, pela necessidade de levar adiante do clamado sagrado, porquanto a inteligência suprema do filho não encontrar outra explicação a não ser esta: trata-se de um dom divino.

Para terminar esta narrativa, ainda preciso fazer algumas reflexões sobre outros aspectos que tornam o presente de Pedro como uma espécie de exílio. É neste aspecto que a sua vida se encontra com a dos demais garotos, moradores do Calabar e do Alto das Pombas, presentes no supracitado seminário realizado na ACBEU. Para tanto, convido como interlocutora Marinalva, a orientadora educacional da ACBEU, no tocante aos assuntos relacionados a intercâmbios estudantis em terras americanas.

O tempo presente como um exílio

Após terminar a sua exposição, Pedro foi convidado a responder as perguntas da platéia. Várias pessoas fizeram suas intervenções, inclusive eu. Perguntei quais seriam os incentivos do colégio [na medida em que ele já havia falado sobre o grupo de robótica] para garotos iguais a ele. Tal não foi a minha surpresa quando ela afirmou não haver incentivo algum; pelo contrário, sustentou ele, sua escola só faz atrapalhar. Não lhe permitem avançar as séries escolares; e lhe obrigam a estudar conteúdos desinteressantes, notadamente as aulas de religião. “Foi tudo da minha cabeça; basta ter internet e está tudo ótimo”, garantiu.

Foi nesse momento que Marinalva se apresentou. “Eu oriento qualquer pessoa que queira estudar nos Estados Unidos em qualquer nível”, disse ela. “Nunca trabalhei com alguém só com 13 anos de idade, mas estou disposta a ajudar Pedro, estou pesquisando e vendo se há alguma forma de ele conseguir o ingresso em alguma universidade americana. Ontem mesmo eu soube da notícia de um garoto americano que foi aceito na Universidade do Texas. Isso já é um bom prognóstico”, concluiu. Os olhos de Pedro brilharam ao saber dessa notícia. Não por acaso seus ídolos preferidos são justamente aquelas pessoas que conseguem avançar no tempo, pessoas marcadas pela precocidade.

Com o término do seminário, tive alguns minutos de conversa com Marinalva. Comentei que a palestra havia sido muito interessante, mas que Pedro parecia engessado por uma narrativa já pré-estabelecida a respeito do desenvolvimento das suas habilidades. Disse

isto porque em um momento no qual fora solicitado que ele retornasse para o início de sua trajetória, para saciar a curiosidade daqueles que chegaram atrasado ao evento [chovia torrencialmente na cidade], ele se viu obrigado a voltar novamente para os slides de apresentação, como se não pudesse se utilizar do improviso. Marinalva me respondeu com o seguinte comentário: “A despeito da enorme inteligência, Pedro ainda se dá ao luxo de ser imaturo”.

Para o menino amadurecer plenamente a melhor opção, segundo ela, seria realmente a ida para os Estados Unidos. De acordo com ela, opinião que é partilhada por Seu Fernando, por Camila e pelo próprio Pedro, o sistema educacional brasileiro não garante incentivos para os portadores de altas habilidades, oferecendo empecilhos burocráticos para o avançar das séries escolares. Ademais, há a própria morosidade do poder legislativo haja a vista o não avanço na discussão a respeito do projeto de Lei 3.179 de 2012 que prevê educação domiciliar para os sujeitos diagnosticados como superdotados. Assim, por conta da própria estrutura e dos dispositivos jurídicos relacionados ao sistema educacional brasileiro, Pedro termina encarando o seu tempo presente como um tempo de espera, uma espécie de exílio em sua própria terra.

O tempo presente vivenciado como um exílio é a dimensão que iguala a vida de Pedro à dos demais adolescentes que compuseram a sua palestra. Esta é, pois, a *realidade transcendental* proclamada por Crapanzano (2011). Os adolescentes do Calabar e do Alto das Pombas são perseguidos por um passado que condena os bairros a um estado de violência, configurado pelo domínio de facções ligadas ao comércio de substâncias psicoativas naquela região. Numa tentativa de controlar a criminalidade no local, o governo estadual lançou o programa *Pacto pela Vida*. Esta “nova” política pública de segurança foi estruturada a partir de certas diretrizes tais como a criação das *Áreas Integradas de Segurança Pública* (AISP) e de unidades territoriais de implementação de planos integrados de ação das polícias civil e militar. As ações coordenadas pelo plano giram em torno de quatro eixos, quais sejam: a prevenção social; a instalação de Bases Comunitárias de Segurança; o enfrentamento ao *crack* e outras substâncias entorpecentes; e a meritocracia para as polícias (Governo do Estado da Bahia, 2011). A primeira iniciativa impactante do projeto foi a ocupação policial ao eixo Alto das Pombas-Calabar, que culminou com a criação da Base Comunitária de Segurança do Calabar, em 27 de abril de 2011.

A metodologia da Base Comunitária de Segurança opera a partir do seguinte lema: “ao lado de uma política de segurança, uma política social”. Ou seja, além da ocupação

policial, são realizadas várias atividades comunitárias tendo por foco a prevenção da violência. Dentre elas, posso citar o oferecimento de cursos profissionalizantes e/ou educacionais tais como de corte e costura, de informática, de moda, de construção civil, de carpintaria, de técnico de enfermagem, bem como pré-vestibulares; e a comemoração de datas festivas como o Dia das Crianças e o Natal. O público-alvo destas iniciativas é a infância e a juventude do eixo Calabar-Alto das Pombas. O gerenciamento do tempo livre dos indivíduos é a faceta mais visível destas ações, na medida em que tudo se passa como se estas atividades estivessem disputando a alma dos sujeitos com o tráfico de drogas. Neste sentido, dentre o conjunto de atividades positivamente avaliadas nas quais os jovens podem se engajar, estar filiado a um determinado projeto social é, digamos, a mais notável. Mas qual seria o efeito duradouro da participação desses jovens nestes programas sociais? Em uma frase: um sentimento de não pertencimento.

Durante sete anos de pesquisa nessas comunidades junto a famílias de jovens participantes de projetos sociais, fui paulatinamente percebendo a emergência de um sentimento de estranheza em relação ao local de moradia. O primeiro indício deste estado de coisas é a não participação nos ritos de interação local tais como as festas do largo, as conversas na esquina da rua, as brincadeiras nas calçadas. Em certa medida, isto nos remete à discussão já feita por Roberto da Matta (1997) sobre as duas dimensões básicas da sociabilidade brasileira: a casa e a rua. Enquanto a primeira é vista como o espaço da ordem e da tranquilidade, a segunda é concebida como a esfera da desordem e da periculosidade. É, pois, tentando evitar o domínio da rua, que esses jovens passam a ficar mais tempo presos ou em casa ou em atividades profissionalizantes, bem como a estabelecer redes de sociabilidade com elementos exteriores à comunidade de residência.

Tal como acontece com Pedro, o tempo presente é um tempo de espera; o amadurecimento e o crescimento são mais do que bem-vindos. Quando seus filhos crescerem, os pais querem que eles sejam trabalhadores honestos e bem sucedidos. O futuro aparece como uma possibilidade atraente, na medida em que pode garantir a superação desse estado de coisas. Assim, a vida desses jovens em suas comunidades é uma espécie de exílio, assim como o é para Pedro. Se para o último, a ida para os Estados Unidos seria a solução mais apazível, para os primeiros a simples saída dos seus locais de nascimento já é uma escapatória mais do que satisfatória.

Tudo se passa como se Pedro e os jovens participantes de programas sociais no Calabar e Alto das Pombas fossem tidos como não membros de uma família. Derrida nos

explica este estado de coisas:

eu não sou um membro da família significa, em geral, ‘eu não me defino com base no pertencimento a esta família’, ou à sociedade civil ou ao Estado. Eu não me defino com base nas formas elementares do parentesco. Mas isto também significa, mais figurativamente, que eu não faço parte de um grupo, que eu não me identifico com uma comunidade linguística, com uma comunidade nacional, com um partido político, com qualquer grupo ou camarilha que seja, com qualquer escola filosófica ou literária. ‘Eu não sou um membro da família’ significa: ‘não me considere um de vocês’ (2002: 27, tradução minha).

Isto nos leva a algumas reflexões com as quais pretendo encerrar este artigo.

Reflexões

Quais seriam as consequências da frase “Eu não sou um membro da família”? Posso afirmar, seguindo o raciocínio da antropóloga Kathleen M. Millar (2014), que o sentimento de não pertencimento, de ser tido como um não membro de uma família, sugere uma espécie de “política do distanciamento”. Este termo implica o reconhecimento da vida presente como que em estado de precariedade; e a esperança depositada em relação ao futuro, na medida em que apenas ele pode garantir as promessas capitalistas da boa vida e da autonomia do sujeito.

Mas o que se pode dizer em relação a esse futuro, em relação ao que estar por vir? Os anseios em relação a ele, as tentativas e as aflições em garantir o seu pleno desenvolvimento não seriam uma espécie de enclausuramento do sujeito? O passado pode ser uma boa analogia para lançar mais questionamentos sobre estas interrogações. Neste aspecto, cabe uma apropriação das reflexões de Vincent Crapanzano (2011) e de Angela Garcia (2008). O primeiro abordou a resignação, a deserção, a vingança, o perdão e a reparação, enfim, toda uma gama de sentimentos encontrada em narrativas coletadas entre os Harkis. Esta identidade se refere a um grupo minoritário argelino, que lutou a favor dos colonizadores franceses quando da guerra de independência da Argélia. Considerados como traidores em sua terra natal, eles foram deliberadamente abandonados à própria sorte pelo governo francês, de tal modo que eles passaram a ser chamados de “les oubliés de l’histoire” [os esquecidos da história]. De acordo com o autor, tudo se passa como se os Harkis estivessem presos a um passado que eles não conseguem superar, como se estivessem congelados no tempo. É como se a memória fosse um legado tão pesado a ponto de prevenir o movimento adiante. Angela Garcia, por seu turno, evoca o que ela chamou de “natureza elegíaca” do vício em heroína no

contexto da região nordeste do Vale Espanhol do Novo México, tentando entender como os discursos médicos e práticas sociais estão interligados tragicamente ao destino de Alma, sua principal interlocutora neste trabalho. Tendo contado com esta paciente, a autora se encontrou diante da seguinte preocupação: “como o uso da heroína - a overdose em particular - expõe o doloroso reconhecimento de que o futuro foi completamente engolido pelo passado”? (2008: 721, tradução minha). Em ambos os casos, vemos a correlação entre determinados estados de espírito e a permanência de um estado de coisas, um dado, um fato que não consegue ser superado. Seguindo este raciocínio, pergunto: pode o indivíduo estar preso a algo que ainda não aconteceu e não tem previsões de acontecer? Pode ele não superar aquilo que ainda não surgiu no horizonte para ser devidamente superado? Pode o futuro ser uma prisão tão ou mais assustadora do que um passado já reconhecidamente terrificante e irremediável?

Para finalizar, algumas palavras ainda precisam ser ditas sobre o processo de construção de subjetividades em conformidade com a ideologia do neoliberalismo. Se, como apontam as etnografias das governanças neoliberais, a perspectiva neoliberal emerge sob a forma de um programa político cujo objetivo é submeter a esfera pública - e também a vida privada - à racionalidade econômica, meu objetivo neste artigo foi demonstrar que esse processo não se dá de uma forma tão pacífica, tão certa, desprovida de percalços. Através da história de Pedro, quis mostrar, seguindo o raciocínio de Foucault (1977), que a emergência de um certo estado de coisas é uma luta, um ponto de afrontamento, onde há vencedores e perdedores, não havendo plenitude nem mesmo na vitória. Voltemos uma vez mais a Crapanzano (2011). No decorrer do livro citado acima, o autor analisa a reação dos Harkis à peça do teatrólogo Masaoud Benyoucef intitulada *The name of the father* [Em nome do pai]. Do ponto de vista deles, a obra era uma afronta à identidade do grupo e eles tentaram, sem sucesso, interromper a sua exibição. Crapanzano situa essa peça dentro da trilogia proposta pelo dramaturgo argelino. Na segunda obra por ele escrita, intitulada *The eagles live in the gloom* [As águias vivem na penumbra], há um encontro fictício entre Franz Fanon, o psiquiatra caribenho que se tornou um revolucionário argelino, e Ramdane Abane, um dos líderes do FLN (Frente de Liberação Nacional - um dos partidos que lutaram contra os franceses, quando da guerra de independência da Argélia), que foi assassinado no Marrocos por seus inimigos políticos. Nesta narrativa há a pergunta sobre o que seria prioritário em uma revolução: o político ou o militar? No curso dela, Fanon vem a reconhecer a futilidade do seu projeto quando percebe que seu paciente estava correto:

se para curar um paciente temos que restaurar sua habilidade de fazer escolhas, ainda é necessário não ter nenhuma ilusão de liberdade para um sujeito cujo ser foi constantemente negado. Qual seria a utilidade de um retorno à natimorta ordem colonial para aqueles que fugiram dela, buscando abrigo na loucura?”(Benyoucef apud Crapanzano, 2011: 21, tradução minha).

A partir da descrição da vida de Pedro, cujo ser é constantemente admirado, endossado e idolatrado, me pergunto se podemos afiançar qualquer ilusão de liberdade para ele, nestes tempos marcados por uma aparente normalidade.

Referências bibliográficas

- BORDONARO, Lorenzo (2012). “Agency does not mean freedom: Cape Verdean street children and the politics of children's agency” *Children's Geographies*, v. 10, n. 04, p. 413-426.
- CRAPANZANO, Vincent (2011). *The Harkis: the wound that never heals*. Chicago: The University of Chicago Press.
- DERRIDA, Jacques (2002). *A taste for the secret*. Cambridge: Polity Press.
- DERRIDA, Jacques (2008). *The gift of death and Literature in secret*. Chicago: The University of Chicago Press.
- FOUCAULT, Michel (1977). “Nietzsche, genealogy, history”. In: BOUCHARD, D. F. (Ed.). *Language, counter-memory, practice: selected essays and interviews*. Ithaca: Cornell University Press.
- GARCIA, Angela (2008).” The elegiac addict: history, chronicity and the melancholic subjects”, *Cultural Anthropology*, v. 23, n. 04, p. 718-746.
- GERSHON, Ilana (2011). “Neoliberal agency”. In: *Current Anthropology*, v. 54, n. 04, p. 537-555.
- GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA (2011). Pacto pela vida: um compromisso de todos pela segurança. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 2011. Disponível em: <<http://www.pactopelavida.ba.gov.br/pacto-pela-vida/o-que-e/>>. (consultado em: 01/11/2012)
- MALINOWSKI, Bronislaw (1929). *The Sexual Life of Savages*. Boston: Beacon Press.
- MATTA, Roberto da (1997). *Carnavais, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- MEAD, Margaret (1928). *Coming of Age in Samoa: a psychological study of primitive youth for Western Civilization*. New York: HarperCollins.
- MILLAR, Kathleen M (2014). “The precarious present: wageless, labor and disrupted life in Rio de Janeiro, Brazil”. In: *Cultural Anthropology*, v. 29, n. 01, p. 32-53.
- PALEY, Julia (2002). Toward an anthropology of democracy, *Annual Review of Anthropology*, v. 31, p. 469-496.
- RIANO-ALCALA, Pilar (2006). *Dwellers of memory: youth and violence in Medellin, Colombia*. New Jersey: Transaction Publishers.

ROSE, Nikolas (1996). Governing “advanced” liberaldemocracies. In: BARRY, A; OSBORNE, T; ROSE, N. *Foucault and Political Reason: Liberalism, Neo-Liberalism and Rationalities of Government*. Chicago: University of Chicago Press.

WRIGHT, Susan; REINHOLD, Sue (2011). "Studying through: a strategy for studying political transformations. Or sex, lies and British politics". In: SHORE, Cris; WRIGHT, Susan. *Policy worlds: Anthropology and the analysis of the contemporary power*. New York; Oxford: Berghahn Books.

ZALUAR, Alba (1985). *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense.